

## **Patriarcado e heteronormatividade como um espelho da sociedade:**

### **Neymar, Bruno e as narrativas nas redes sociais<sup>1</sup>**

Daniel BARSILOPES<sup>2</sup>

Centro Universitário Unifanor Wyden, Fortaleza, CE

#### **RESUMO**

O presente artigo reflete sobre os modos como o patriarcado e a heteronormatividade relacionam-se com as narrativas construídas em torno das redes sociais em nossa sociedade, analisando, especificamente, dois episódios recentes: a traição do jogador Neymar e o ato de transfobia do cantor Bruno (dupla com Marrone), apoiando-se, especialmente, nos conceitos de gênero, machismo e poder. A pesquisa, de caráter qualitativo, desenvolveu-se por meio de uma revisão bibliográfica integrativa e de um mapeamento das mídias sociais. Como principais achados, é possível apontar que as narrativas construídas e disseminadas no âmbito das redes sociais funcionam como um retrato de nossa sociedade, e que os mecanismos que engendram preconceitos e desigualdades na vida fora da mídia se perpetuam no espaço digital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Redes Sociais; Patriarcado; Heteronormatividade; Narrativas.

#### **INTRODUÇÃO**

Vivemos em uma sociedade em que as mídias digitais ocupam uma certa centralidade em nossos cotidianos. É por meio de notebooks, tablets e smartphones que muitos de nós participamos de reuniões e assistimos aulas, realizamos vendas, adquirimos produtos e serviços, fazemos transações bancárias, assistimos vídeos e séries, escutamos música, pedimos comida e, até mesmo, transitamos pela cidade. Os mapas, que durante muito tempo acompanharam os motoristas em seus trajetos pelas cidades e estradas, tornaram-se obsoletos em uma sociedade em que celular e sistema multimídia dos automóveis “conversam” e orientam nos percursos a serem seguidos.

Quando o canadense Marshall McLuhan dissertou, em meados dos anos 1960, sobre os meios de comunicação atuarem como extensões do homem (MCLUHAN,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação, professor do Centro Universitário Unifanor Wyden e bolsista do Programa Pesquisa Produtividade, email: [daniel\\_barsi@yahoo.com.br](mailto:daniel_barsi@yahoo.com.br)

2005), talvez ele não imaginasse as configurações que essa percepção assumiriam em nossa sociedade contemporânea, em que o celular assume um protagonismo em nosso dia a dia, especialmente no que diz respeito ao consumo das redes sociais, o que podemos atestar por meio do dado que afirma que o Brasil é o terceiro país que mais usa redes sociais no mundo, atrás apenas da Índia e da Indonésia<sup>3</sup>.

Nesse ecossistema midiático (MORLEY, 2008), é impossível separar o funcionamento dos meios de comunicação dos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais de onde eles atuam. Sendo assim, é possível encontrar em nossa sociedade, que está alicerçada em um modelo conservador e machista, um terreno fértil para a disseminação de narrativas e falas nas redes sociais que validam todo tipo de preconceito e discriminação, vindas especialmente de homens, que atuam em múltiplas esferas para perpetuarem o pacto do heteropatriarcado, esse sistema sociopolítico no qual a heterossexualidade masculina cisgênero tem supremacia sobre as demais formas de identidade de gênero e sobre as outras orientações sexuais (FERREIRA; GOUVEIA, 2016).

São muitos os perfis e as páginas, seja no Instagram, no Facebook, no Twitter e no Youtube, que se prestam a debater, deliberadamente, sobre uma suposta superioridade masculina que se imporia contra as mulheres, classificando atitudes e comportamentos como masculinos ou femininos, criticando mulheres com posturas masculinizadas - segundo a ótica desses grupos -, rotulando-as como pessoas contraindicadas ao casamento, por não se submeterem à lógica submissa do sujeito feminino no matrimônio, ideal este que ainda perdura nesses círculos conservadores. Muitas também são as falas de coaches, mentores e influenciadores digitais que prometem ensinar homens a não serem femininos, argumentando, por exemplo, que certas atividades domésticas, quando realizadas pelos companheiros, tendem a sugar-lhes a energia masculina, deixando-os “feminilizados”. É nesse panorama de machismo e conservadorismo que assistimos à proliferação de movimentos como o Red Pill<sup>4</sup>,

---

<sup>3</sup> Fonte: UOL

Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/56965\\_brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-no-mundo-indica-pesquisa.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/56965_brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-no-mundo-indica-pesquisa.html)

Acesso em: 09 ago. 2023.

<sup>4</sup> Trata-se de um movimento masculino que deturpa o conceito que veio do filme Matrix para supostamente valorizar a masculinidade e propagar o ódio contra grupos, em especial contra as mulheres. No vocabulário masculinista, os "red pills" seriam homens que se opõem ao "sistema que favorece as mulheres", por acharem que elas não são fiéis e nem possuem bom caráter para com os homens.

Fonte: O Globo.

---

ressignificado por apoiadores da direita e da extrema-direita, que rebaixam e desqualificam mulheres.

Dessa forma, é impossível falar de patriarcado sem abordar a questão do gênero, um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e um modo primordial de dar significado às relações de poder (ARAÚJO, 2005). Castro (2015) nos faz refletir sobre a questão de gênero ser socialmente construída, alertando para o fato de que essas relações, na maior parte das vezes, são marcadas pela desigualdade, expressando um padrão específico de vínculos existentes entre homens e mulheres. Ninguém nasce sabendo o que é ser homem ou ser mulher, esses comportamentos são elaborados e perpetuados pela sociedade, e orientam os indivíduos desde a infância. A cor do enxoval - azul para meninos e rosa para meninas -, o tipo de brinquedo - bonecas e utensílios de casa para as garotas; carrinhos, blocos de montar e super-heróis para os garotos, a forma de se portar, falar, caminhar, enfim, há todo um código socialmente desenvolvido que serve para categorizar o que é masculino e o que é feminino, sendo o primeiro fortemente vinculado aos atributos de força, poder e protagonismo, e o segundo relacionado muito mais à delicadeza, objetificação e submissão. “A humanidade é masculina”, aponta Beauvoir (2009, p. 16), pois “o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele, ela não é considerada um ser autônomo”.

Andrade e Delicato (2019) aprofundam essa contextualização quando nos fazem refletir que o machismo não é exclusivamente praticado pelos homens e nem atinge apenas as mulheres. Uma sociedade perpassada pela cultura machista é aquela em que um modelo de masculinidade hegemônica também afeta a vida de crianças e de membros da população LGBTQIAPN+<sup>5</sup>. Homens têm que ter “jeito de homem”, e esse jeito, algo, aparentemente, tão subjetivo, pelo contrário, é bastante concreto e claramente reconhecido por meio do viés binarista através do qual costumamos ser educados ao longo dos séculos. “A masculinidade requer uma validação homosocial: são outros homens que podem ver um sujeito como afeminado; são outros homens que

---

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/02/entenda-o-que-e-red-pill-e-historia-de-coach-acusado-de-misoginia-que-foi-rejeitado-por-mulher-de-50-anos.ghtml>

Acesso em: 09 ago. 2023.

<sup>5</sup> LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

Fonte: Orientando.Org

Disponível em: <https://encurtador.com.br/gjqMQ>

Acesso em: 10 ago. 2023.

---

analisam cuidadosamente, examinam, classificam e concedem ou não ingresso no domínio da virilidade” (PINTO; MENEGHEL; MARQUES, 2007, p. 243).

Nesse sentido, a problemática de pesquisa que dá vida a este artigo gira em torno de compreender sobre os modos como as questões de gênero e orientação sexual têm sido utilizadas em processos de deslegitimação e subjugação, por meio das narrativas das redes sociais, e de que forma os mecanismos dos discursos de ódio são agenciados nesse contexto.

Como objetivos da pesquisa, buscamos analisar de que maneira o patriarcado e a heteronormatividade têm atuado como modelo social que desqualifica as mulheres e invalida a população LGBTQIAPN+, através dos acontecimentos visibilizados no cenário das redes sociais, bem como procuramos identificar as configurações dos discursos proferidos contra esses segmentos na ambiência digital, por meio das postagens de portais de notícias e dos comentários feitos pelos usuários.

## **METODOLOGIA**

Este artigo, que traz resultados preliminares, é parte de uma investigação mais ampla, ainda em andamento, realizada no âmbito do Programa Pesquisa Produtividade, do Grupo Educacional Wyden. O desenho metodológico pensado e articulado para a realização da investigação foi baseado em uma revisão bibliográfica integrativa, que se trata de um estudo realizado por meio de levantamento bibliográfico e revisão de obras publicadas sobre os conceitos teóricos que direcionam o trabalho acadêmico, o que demanda dedicação, leitura e análise pelo pesquisador que está executando a investigação, tendo como objetivo reunir e avaliar textos publicados, para alicerçar a análise das temáticas em questão. Para Gil (2002, p. 44), a revisão bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Severino (2007, p. 122) complementa o raciocínio, quando afirma que a revisão bibliográfica se realiza pelo:

registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Além da pesquisa bibliográfica, realizada, especialmente, em plataformas como Scientific Electronic Library Online (SciELO), também foi feito um mapeamento das redes sociais durante o primeiro semestre de 2023, com o objetivo de: 1) detectar os principais episódios - relacionados aos temas que sustentam a investigação, tais como patriarcado, machismo, heteronormatividade e LGBTfobia - transformados em acontecimento midiático (FRANÇA, 2012); e 2) acompanhar as suas repercussões no âmbito das mídias sociais.

Como elementos selecionados para trabalhar neste artigo, destacamos o caso da traição do jogador Neymar e a situação envolvendo transfobia, protagonizada pelo cantor Bruno, que compõe a dupla sertaneja Bruno & Marrone. Utilizamos a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) como método para avaliar os aspectos de interesse para a pesquisa, pois se trata de um conjunto de técnicas de análise das comunicações.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como abordagens conceituais e teóricas, relacionando-as ao nosso objeto de estudo, podemos destacar que uma das maiores pesquisadoras sobre as questões de gênero, a socióloga Heleieth Saffioti (2004), oferecendo um olhar através da perspectiva marxista, aponta que o patriarcado está atrelado ao sistema capitalista, no que diz respeito à dominação masculina, e destaca que o protagonista do patriarcado é o homem heterossexual, complementando que cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia.

O patriarcado é um sistema de poder e privilégios que garante superioridade e soberania ao homem nas relações sociais, destinando à mulher, por sua vez, um lugar de submissão e inferioridade. Não é um fenômeno natural, que progressivamente se desenvolveu nas sociedades, baseado nas características físicas da espécie humana, mas sim um complexo ideológico que demorou muitos anos para ser implementado e foi impulsionado por interesses de determinados grupos em todas as fases da história da humanidade. O surgimento do patriarcado minou os poderes e a autonomia da mulher na sociedade, ganhando a atual sociabilidade contornos

---

construídos e instaurados por homens, restritivos da liberdade e da autonomia femininas, que convertem uma relação de diferença numa hierarquia de desigualdade, o que configura uma forma de violência. As mulheres não são tratadas como sujeito e o objetivo é impedir sua fala e sua atividade. Nesta perspectiva, a violência não se resume a atos de agressão física, decorrendo, igualmente, de uma normatização, na cultura, da discriminação e submissão femininas (SOIHET, 2009, p. 371).

Nesse cenário em que homens, aparentemente, podem tudo, destacamos no mapeamento feito nas redes sociais alguns episódios recentes em que o tratamento oferecido aos homens foi bem diferente daquele ofertado às mulheres, em situações semelhantes. O jogador Neymar, famoso e milionário, teve seu nome recentemente - em meados de junho de 2023 - envolvido em notícias sensacionalistas que diziam que o atleta havia traído sua companheira, grávida. Em função da repercussão nas mídias sociais, o futebolista acabou se pronunciando em seu perfil no Instagram, assumindo a traição e pedindo perdão à namorada.

Foram inúmeros os comentários de apoio, tanto de celebridades como de pessoas comuns, ressaltando que todos têm o direito de errar e de se desculpar pelos seus equívocos. “Todo mundo erra, quem nunca pecou que atire a primeira pedra”, “O amor sempre vencerá”, “É isso, meu irmão. Siga em frente e cuide dela [a companheira] com todas as forças, proteja sua família”, “É isso. Na nossa intimidade só nós podemos opinar. A felicidade é individual e ninguém tem nada a ver com isso. Vcs são lindos, se amam estão construindo uma família linda e isso é só o início”.

Se Bruna, a namorada de Neymar, tivesse traído o jogador, muito provavelmente, não teria um único comentário benevolente em destaque nas redes sociais, e ele nem precisaria estar grávido para os usuários se revoltarem com a traição de uma mulher, pois, segundo os postulados de Oliveira, Lima e Gomes (2019), a lógica machista que se estabelece contra as mulheres no “mundo virtual”, por meio das redes sociais, é tão somente a continuação da violência que ocorre cotidianamente contra o sujeito feminino no “mundo real”.

Seja por meio das relações presenciais ou através do âmbito digital, o papel social, ou seja, os comportamentos que os indivíduos exercem de forma contínua e cotidiana, reiteram que as expectativas acerca da masculinidade hegemônica autorizam a traição por parte do homem, que é vista simplesmente como algo intrínseco à essência masculina. Assim como o adultério é normalizado pela cultura machista, o

---

perdão, por parte da mulher, faz parte do seu papel social, pelo bem do relacionamento, da família, da vida conjugal. Segundo Nader e Caminoti (2014), o papel social pode ser entendido como o conjunto de direitos e deveres que determina o status, ou seja, a posição que o indivíduo ocupa na sociedade. E não restam dúvidas de que o exercício da masculinidade oferece amplas vantagens, afinal, qual homem não trai?!

Assumir o erro e se desculpar no Instagram, para o homem, pode ser suficiente, mas o mesmo não aconteceu quando, há alguns anos, a cantora Luisa Sonza foi acusada de trair seu então marido, o comediante Whindersson Nunes. A artista foi massacrada nas redes sociais por conta de uma traição que nunca foi confirmada, sem direito a qualquer defesa. Segundo Andrade e Delicato (2019, p. 40), a masculinidade “é delineada por meio dos discursos de diferentes atores sociais. O machismo está implícito em diversas falas, que normatizam comportamentos socialmente aceitos para homens, com determinados padrões, os quais diferem daqueles impostos às mulheres”.

Essas expectativas diferentes de comportamento atuam como um dos principais pilares de subsistência e sobrevivência da desigualdade social, fator imprescindível para a sua manutenção. Menezes, Oliveira e Nascimento (2018, p. 2) apontam que dentro desse marco ideológico “se encontram o patriarcado, o sexismo ou a heterossexualidade compulsória. Essas ideologias alimentam constantemente o preconceito e a discriminação que afetam inúmeras vidas, dentre elas a da população LGBT”.

Em meados de maio o cantor Bruno constrangeu uma repórter transexual do TV Fama, Lisa Gomes, perguntando, durante a entrevista, se ela tinha o órgão sexual masculino. “Você tem pau?”. A situação viralizou nas redes sociais e Bruno, apesar de criticado, encontrou muitos apoiadores que, em seus comentários, diziam não haver nada de errado na pergunta feita pelo cantor. “Que besteira, ele só perguntou o que todo mundo tem curiosidade de saber”; “Geração mimimi. Perguntar agora ofende. Por favor, não façam perguntas para a geração Nutella”; “Qual é o problema perguntar se tem um membro. Nada demais. Afff”; “Mas, gente do céu, vamos para com essa loucura, ele está vestido de mulher, mas é homem. Onde está o problema em perguntar se tem ou não?”; “Perguntar se tem pau é transfobia por que mesmo?”; “Curiosidade é preconceito?”.

Ou seja, os discursos homofóbicos e transfóbicos nas redes sociais têm crescido significativamente, tornando-se um lugar de ódio e intolerância contra o segmento LGBTQIAPN+ e outros grupos discriminados (SILVA; ALÉSSIO, 2019). O órgão

sexual é uma das questões mais traumáticas para a população trans, especialmente para as pessoas que sofrem com a disforia de gênero, mas para o público que comenta nas redes sociais a violência sofrida pela repórter é bobagem, o que reitera a lógica que ainda vigora atualmente, segundo a qual quem tem pênis é homem, masculino e sente atração afetivo-sexual por mulheres, assim como quem tem vagina é mulher, feminina e sente atração afetivo-sexual por homens. “Nesse sentido, pessoas homossexuais, bissexuais, intersexuais, travestis, transexuais e todas aquelas que rompem com tais padrões seriam consideradas abjetas” (SANTOS; SILVA, 2021, p. 4).

Mesmo com origens comuns, a transfobia carrega significados diferentes da homofobia, pois se refere também a violências muito específicas que atingem as pessoas trans, seja através da negação da utilização de espaços como o banheiro, a exposição genital, o estupro corretivo, o desrespeito ao nome social, dentre outras questões. Embora o preconceito e a discriminação sejam arcaicos, a nomenclatura LGBTfobia, como se conhece hoje, é um termo contemporâneo, que, assim como as construções sociais acerca das relações de gênero, passa pela questão do poder.

Foucault (2000), ao analisar as relações de poder, não as enxerga como uma propriedade ou subordinadas a apenas um determinado grupo social, mas sim como um exercício produzido pelos mais variados setores, e presente no tecido societário de formas múltiplas, como indica o trecho:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre outros, de uma classe sobre outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos estão sempre em posição de exercer e de sofrer sua ação (FOUCAULT, 2000, p. 183).

Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, mas passa por eles. Os sujeitos passam a ser examinados, vigiados e normalizados na escola, no trabalho, na igreja, na família, na vizinhança e assim por diante, de modo que se tem uma formação do que o filósofo aponta como sociedade disciplinar, que maximiza o controle dos indivíduos e cria o chamado biopoder, que será responsável por gerenciar essa sociedade disciplinarizada (FOUCAULT, 1999).

---

Apesar de termos em conta o aspecto dos micropoderes, mesmo dentro dos grupos LGBTQIAPN+ - afeminados x não afeminados; os que têm passabilidade<sup>6</sup> x os que não têm; operados x não operados, discretos x os que circulam pelos ambientes LGBTs - não podemos deixar de reiterar que há, por parte da sociedade cristã, conservadora e patriarcal, um certo ódio contra a população LGBTQIAPN+, que se encontra com os processos de configuração do capitalismo neoliberal, que, para existir e se perpetuar, precisa disseminar uma cultura de rechaço a tudo o que representa a diferença, já que o ideal capitalista alimenta-se da homogeneidade. “Não se trata de uma coincidência que os grupos historicamente perseguidos sejam quase sempre os mesmos em várias partes do mundo. A eliminação da diferença faz parte e é condição para a estruturação do capitalismo enquanto sistema-mundo” (GARCIA; SILVA; SANCHEZ, 2020, p. 328).

O ódio contra o diferente encontra respaldo na fala do cantor sertanejo que, do alto dos privilégios que o protegem - branco, cis, hétero, rico e famoso - autoriza-se a constranger a repórter trans quando esta exercia o seu trabalho, entrevistando-o, tendo a atitude validada por inúmeras pessoas, por meio de seus comentários nas redes sociais. Questionar a postura violenta do músico, que nada tem a ver com o órgão sexual de ninguém, é visto como besteira, como cerceamento à liberdade de expressão, como característica não de uma sociedade que busca se impor contra atitudes de preconceito, ressignificando comportamentos de convívio com a discriminação, mas como particularidade de uma geração “fresca”, que vê problema em tudo.

O acesso às redes sociais - a despeito de todos os benefícios para os usuários, que não são objetos de estudo nesse artigo - possibilitou que uma parcela significativa da sociedade, que talvez não tivesse coragem de expor os seus preconceitos e o seu ódio contra as minorias em situações presenciais, pudesse materializar sua virulência através das mídias digitais, utilizando-se da segurança do anonimato ou mesmo da possibilidade de fuga de embates argumentativos ao definir tudo o que difere de sua opinião como “mimimi”.

---

<sup>6</sup> Passabilidade nada mais é do que uma pessoa trans se parecer com aquilo que entendemos como a aparência de uma pessoa cis. Por exemplo, um homem trans parecer tanto com um homem cis, que ninguém saberia dizer que ele é trans.

Fonte: UOL.

Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/noah-scheffel/2021/09/13/voce-ja-ouviu-falar-sobre-passabilidade.htm>

Acesso em 16 ago. 2023.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, podemos reiterar que as narrativas construídas e disseminadas no âmbito das redes sociais funcionam como um retrato de nossa sociedade, e que os mecanismos que engendram preconceitos e desigualdades na vida fora da mídia se perpetuam no espaço digital. A sociedade conservadora, patriarcal e preconceituosa não se despe de seus julgamentos discriminatórios ao adentrar no universos das mídias sociais.

O distanciamento físico ou mesmo a possibilidade de anonimato, por parte do agressor, pode resultar em consequências devastadoras para as vítimas de machismo, misoginia, preconceito e LGBTfobia. A confusão entre liberdade de expressão e discurso de ódio, a ratificação de falas que colocam o homem em posição de domínio e a mulher em condição de subalternidade, a minimização de atos que humilham e constroem pessoas LGBTs devem ser vistas sob a ótica da violência simbólica (BOURDIEU, 1989), que, por ser sutil, torna-se ainda mais perigosa. Traveste-se por meio de uma “simples brincadeira”, uma “pergunta inocente” sobre o órgão sexual de alguém ou mesmo uma imposição de que a mulher deve perdoar a traição do companheiro - afinal, todo homem trai -, minimizando os impactos e as dores que essas narrativas podem ocasionar nos grupos minoritários, já tão invalidados em seus cotidianos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, G.; DELICATO, C. A representação social da mulher e a cultura do machismo. **Wamon**, Manaus, v. 4, n. 2, p. 31-42, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/wamon/article/view/5954>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ARAÚJO, M. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica** [online]. v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/BVXTfbqbzJJYh7pwSkjdzpN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CASTRO, Jerusa. **Violência psicológica contra a mulher na relação conjugal**. Jus.com.br. 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/40130/violencia-psicologica-contra-a-mulher-na-relacao-conjugal>. Acesso em: 28 jun. 2023.

GARCIA, C. C.; SILVA, F. M. DA .; SANCHEZ, M. H.. Capitalismo e razão neoliberal: ódio colonial e extermínio de travestis e transexuais no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, n. 138, p. 321–341, maio 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

MORLEY, D. **Medios, modernidad y tecnología: hacia una teoría interdisciplinaria de la cultura**. Barcelona: Gedisa, 2008.

FERREIRA, F.; GOUVEIA, S. Gênero e brinquedo: como a boneca mais famosa do mundo influencia a construção de padrões e estereótipos. **Episteme Transversalis**, Volta Redonda, v. 7, n. 2, p. 129-140, 2017. Disponível em: <http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/632>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>. Acesso em: 27 jun. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MACLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2005.

MENEZES, M.; OLIVEIRA, A.; NASCIMENTO, A. LGBT e mercado de trabalho: uma trajetória de preconceitos e discriminações. **ConQueer** [online]. p. 11-23, 2018. Disponível em: <https://url.gratis/BF7haW>. Acesso em 26 jun. 2023.

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. **Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas**, v. 16, 2014.

OLIVEIRA, R. C. de; LIMA, J. de C. P.; GOMES, R. F. Machismo e discurso de ódio nas redes sociais: uma análise das “opiniões” sobre a violência sexual contra as mulheres. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30363>. Acesso em: 27 jun. 2023.

PINTO, A. D. C.; MENEGHEL, S. N.; MARQUES, A. P. M. K. Acorda Raimundo! homens discutindo violências e masculinidade. **Psico**, [S. l.], v. 38, n. 3, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2885>. Acesso em: 9 ago. 2023.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, K.; SILVA, L. Marcadas pelo mercado: inserção profissional e carreira de mulheres transexuais e travestis. **Cadernos Pagu**, 2021. Disponível em: <https://url.gratis/nq2uNS>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVA, L.; ALESSIO, R. Redes de ódio: A homofobia no Facebook. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 07-27, 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S18082812019000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18082812019000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 jun. 2023.

SOIHET, Rachel. Formas de Violência, relações de gênero e feminismo. In: MELO, Hildete (org.). **Olhares feministas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009.